

O “entre-lugar” de Silviano Santiago em uma leitura decolonial de *Corações Migrantes*, de Maryse Condé

The “in between space” of Silviano Santiago: A Decolonial Reading of Maryse Condé's *Migrant Souls*

Thiago Elias Ribeiro¹

UFES

Resumo: O romance *Corações Migrantes* (2002), da escritora Maryse Condé, apresenta determinadas características da literatura considerada decolonial, sobretudo ao problematizar identidades, deslocamentos e heranças coloniais. Pretende-se, neste artigo, analisar sobre essas características, por meio da pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, utilizando-se, para isso, a teoria de Silviano Santiago, presente no ensaio “Uma literatura nos trópicos” (2000). Nesse percurso, tomar-se-á o conceito de “entre-lugar” do crítico para traçar o caminho estético e político percorrido pela referida autora na elaboração de sua escrita, que se apropria do modelo do colonizador para subvertê-lo criticamente. Contudo, tal tarefa não constitui em algo simples, uma vez que críticas são dirigidas ao modelo de uso de formas canônicas, com acusações de mera usurpação sem ineditismo, que, no entanto, tendem a ser dirimidas no ensaio de Silviano Santiago, no debate decolonial e no presente artigo. O estudo demonstra que essa apropriação configura um gesto crítico produtivo e que, por isso, *Corações Migrantes* inscreve-se no “entre-lugar” como espaço de resistência simbólica.

Palavras-chave: decolonialismo; “entre-lugar”; Silviano Santiago; Maryse Condé.

Abstract: Maryse Condé's novel *Corações Migrantes* (2002) exemplifies the complexities of decolonial literature, particularly through its critical engagement with issues of identity, displacement, and colonial legacy. This article undertakes a qualitative bibliographic analysis of these dimensions, drawing on Silviano Santiago's theoretical framework, especially his concept of the “in-between place” (entre-lugar) as developed in the essay “Uma literatura nos trópicos” (2000). The analysis traces the aesthetic and political strategies employed by Condé as she appropriates and reworks canonical literary forms inherited from the colonizer, turning them into tools of critical subversion. While Condé's approach has at times been criticized as derivative or lacking in originality, this article—alongside Santiago's reflections and broader decolonial debates—demonstrates that such appropriation constitutes a productive critical gesture. Ultimately, the study positions *Corações Migrantes* within the in-between place as a site of symbolic resistance, where inherited forms are not simply reproduced or rejected, but reimagined and transformed.

Keywords: decolonialism; in-between space; Silviano Santiago; Maryse Condé.

Submetido em 23 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de julho 2026.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução

Silviano Santiago, em seu artigo “O entre-lugar do discurso americano”, busca situar “[...] o lugar que ocupa hoje o discurso latino-americano no confronto com o europeu” (SANTIAGO, 2000, p. 09). E mesmo utilizando Montaigne (particularmente o capítulo XXXI de seus *Ensaaios*, no qual trata dos canibais do Novo Mundo) em referência à história grega, Santiago faz uma importante reflexão sobre o colonizador europeu e o colonizado da América Latina. É sabido que o primeiro (sobretudo iberos), com o pretexto de levar civilidade, religião e povoamento para regiões consideradas então vazias e/ou selvagens, adentrou diversos territórios (dentre eles, a América Latina), entregando-lhes exploração econômica, imposição política e destruição cultural.

Após aproximadamente quatro séculos de dominação, extermínio em todos os níveis, mas não sem lutas por libertação, constata-se, mesmo com a consolidação dos Estados-nação, a permanência de países divididos politicamente, ideologicamente e culturalmente. Santiago, diante disso, pontua que

O neocolonialismo, a nova máscara que aterroriza o Terceiro Mundo em pleno século XX, é o estabelecimento gradual em outro país de valores rejeitados pela metrópole, é a exportação de objetos fora de moda na sociedade neocolonialista, transformada hoje no centro da sociedade de consumo. (SANTIAGO, 2000, p. 15)

Com isso, vê-se que as ex-colônias de fato ainda são depositárias de tudo que lhes é enviado, embora haja uma frequente insatisfação em diversos níveis em busca de um despertar cada vez mais identitário que, dentre outros aspectos, cunhou a teoria decolonial e descolonial. De acordo com Walter Dignolo, “[...] descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p. 13).

Por esse viés, tem-se o ressurgimento de uma busca por mais liberdade econômica, independência política e desenvolvimento cultural. E não sem reservas, surgem vozes de autores e autoras como a de Maryse Condé. Em *Corações Migrantes* (CONDÉ, 2002), por exemplo, por meio de uma releitura do romance inglês *Wuthering Heights* (*O Morro dos Ventos Uivantes*, 1971), da escritora britânica Emily Brontë, será apresentado um Caribe com protagonismo nativo. Tal estratégia, embora recorrente em autores da América Latina, sofreria duras críticas e acusações por serem considerados à sombra dos

reconhecidos clássicos europeus. Determinadas reprovações são rebatidas constantemente pela obra de Santiago, como abaixo:

Tal discurso ridiculariza a busca dom-quixotesca dos artistas latino-americanos, quando acentuam por ricochete a beleza, o poder e a glória das obras criadas no meio da sociedade colonialista ou neocolonialista. Tal discurso reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre de outra sem nunca lhe acrescentar algo de próprio; uma obra cuja a vida é precária e limitada, aprisionada que se encontra pelo brilho e pelo prestígio da fonte, do chefe de escola. (SANTIAGO, 2000, p. 18)

Todas as críticas são rebatidas por Santiago, pois levam a crer que esse propício dialogismo com determinado cânone se trata meramente de uma tentativa de silenciamento próprio do imperialismo cultural com intuito de beneficiar o poder conquistador. Essa concepção equivocada está presente em diversas relações de poder e não apenas na relação entre colonizador e colonizado, como se possível fosse apagar de vez a história. Por sua vez, Theodor Adorno, em seu livro *Educação e emancipação*, trata dessa noção errônea de quem afirma que todo sofrimento oriundo do passado deveria ser elaborado na forma de esquecimento. Para o filósofo, essa vertente não traz benefícios às vítimas e, sim, ao algoz que tenta tirar por meio disso a única coisa que lhes resta, a lembrança (ADORNO, 2021). É sabido que Adorno aplica sua tese ao tratar preponderantemente do regime de exceção que originou Auschwitz e seus desdobramentos, o que pode demonstrar certa equivalência ao processo de colonização, que também possui marcas de horror, opressão e morte. Esse pensamento implica que não importa o sistema vigente, desde que nele o silenciamento se mostre como eficaz na escolha pela sublimação da barbárie.

Para tanto, será realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como base a análise de *Corações Migrantes* e o diálogo com as reflexões de Silviano Santiago do “entre-lugar” e com as discussões sobre a decolonialidade.

Dito isso, acredita-se aqui que *Corações Migrantes* apresenta o devido viés decolonial a ser demonstrado ao longo deste trabalho.

1. Análise e interpretação de *Corações Migrantes*

Como já dito, *Corações Migrantes* é uma reescrita do romance inglês *O Morro dos Ventos Uivantes* (1971), porém com uma estratégia distinta. O romance de Emily

Brontë passa-se na Inglaterra, sendo que Condé se utiliza desse texto de metrópole, mas com o enfoque voltado para o colonizado, a realçar uma perspectiva decolonial em que é dada voz a personagens marginalizados. Determinada paródia serve para retomar a história colonial, à maneira de refletir sobre o passado e projetar um futuro. De acordo com Silviano Santiago:

O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original. (SANTIAGO, 2000, p. 20)

A subversão da autoridade colonial com marcas da própria colonização, associadas às experiências e compreensão desse processo, é que dão instrumentos para a produção do texto. Ainda segundo Santiago:

O imaginário, no espaço do neocolonialismo, não pode ser mais o da ignorância ou da ingenuidade, nutrido por uma manipulação simplista dos dados oferecidos pela experiência imediata do autor, mas se afirmaria mais e mais como uma escritura sobre outra escritura. (SANTIAGO, 2000, p. 21)

Maryse Condé, assim como outros autores e autoras caribenhas, recorre ao chamado canibalismo literário para dar vida a sua obra. Sobre esse caráter antropofágico, Adriana Falqueto Lemos escreve: “Maryse Condé, como escritora que fez uma releitura, configura-se como leitora que compreende o texto de Emile Brontë, canibaliza-o e transplanta-o para a sua realidade” (LE MOS, 2013, p. 128). Silviano Santiago também corrobora essa afirmação, já recorrendo a uma citação de Barthes: “[...] que textos eu aceitaria escrever (reescrever), desejar, afirmar como uma força neste mundo que é o meu?” (BARTHES apud SANTIAGO, 2000, p. 20) e conclui aquele:

Esta interrogação, reflexo de uma assimilação inquieta e insubordinada, antropófaga, é semelhante à que fazem a muito tempo os escritores de uma cultura dominada por outra: suas leituras se explicam pela busca de um texto escrevível, texto que pode incitá-los ao trabalho, servi-lhes de modelo na organização de sua própria escritura. (SANTIAGO, 2000, p. 20)

Desde o título *Corações Migrantes* podemos perceber a presença deste percurso feito durante toda a obra entre as influências do colonizador, França, e as marcas da colônia, Guadalupe, com suas tradições mais sua herança cultural e religiosa dos autóctones, junto a dos negros africanos. Também há nele as tensões sociais, raciais e

políticas contextualizadas de uma época em que a abolição da escravidão havia sido declarada recentemente, ainda que os brancos – chamados de békés – seguissem como dominantes perante os demais, como afirma não fortuitamente uma própria personagem do romance, Nelly Rabouteur, que com “[...] a abolição da escravidão nada mudara.

Continuava sempre a ser os grandes békés que faziam as leis e os negros que amargavam a miséria” (CONDÉ, 2002, p. 24). A isso afirma Fanon: “O problema negro não se limita ao dos negros que vivem entre os brancos, mas sim ao dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista, apenas acidentalmente branca” (FANON, 2008, p. 169-170), para demonstrar que ao negro não cabe só o preconceito pela cor, mas também a exploração vinda por diversos elementos nessa sociedade.

No romance inglês *O Morro dos Ventos Uivantes* (1971), tem-se a história de Catherine Earnshaw e Heathcliff, este que era um menino pobre, descendente de ciganos, e que havia sido encontrado e adotado pelo pai de Cathy. Contudo, com a morte do benfeitor, o irmão de Catherine, Hindley, passa a tratar o jovem como criado. Mesmo nessa condição, Cathy e Heathcliff desenvolvem uma relação que é interrompida pelo decorrer do crescimento da moça e o desejo desta por ascensão social.

Em paralelo ao romance inglês, tem-se, em *Corações Migrantes* (2002), o amor entre Razyé, negro encontrado pelo Hubert Gagneur, e a filha deste, também chamada Catherine (Cathy). Tal relação amorosa será impossibilitada pelas restrições apresentadas frente à cor e da posição social de Razyé, uma vez que, com a morte do patriarca, o irmão sanguíneo dela, Justin Gagneur, obriga aquele a morar na estrebaria e a viver com os novos empregados indianos, vindos para substituir os escravos africanos. Simultâneo a isso, temos Cathy e seu irmão buscando ascensão social, junto à classe dos brancos afortunados de Guadalupe, por meio de uma educação refinada e um possível “bom” casamento. Justin, mesmo sendo mulato, consegue efetivar um matrimônio com Marie-France La Rinardière, béké rica, embora doente. Determinado casamento dá-se por certa conveniência, pois, tendo a família constatado que ela tem pouco tempo de vida, consentiu que a moça adquirisse alguma felicidade antes de morrer, mesmo não se casando com um homem branco. Nesse jogo de interesses, a própria Cathy descreve como seu irmão procede ao perceber que o béké Aymeric de Linsseuil estaria interessada nela:

[...] Ele me comprou roupas de baixo, uma anágua e um vestido de seda azul com flores cinzentas. Depois regateou no preço de um espartilho. Um espartilho! Nunca tinha visto nada igual! Eu o puxei pela manga e sussurrei:
 – Pra que serve isso?
 – Todas as moças de família usam – me respondeu se fazendo de importante.
 – Serve para ter o que se chama uma cintura de vespa! (CONDÉ, 2002, p. 93-94)

Mesmo sem compreender por inteiro o motivo daquelas compras, ela aceita os novos trajes, desde que a ajudem a desposar-se com um homem branco, pois, mesmo afirmando que amava Razyé, não achava ser de bom tom se casar com este: “Isso seria por demais degradante. Seria começar a viver como nossos ancestrais, os selvagens da África!” (CONDÉ, 2002, p. 12). Cathy, sendo considerada uma mulata, precisava, como dita certa premissa de Franz Fanon: “Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar ‘a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram’, mas para assegurar sua brancura” (FANON, 2008, p. 57). Fanon, em seu livro *Peles negras, máscaras brancas*, analisa “A mulher de cor e o branco” e faz uma distinção da mulher negra e da mulata que parece encaixar-se perfeitamente na situação de Cathy, ao que pontua o crítico:

Antes de mais nada temos a negra e a mulata. A primeira só tem uma perspectiva e uma preocupação: embranquecer. A segunda não somente quer embranquecer, mas evitar a regressão. Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está se tentando salvar a raça. (FANON, 2008, p. 63)

Em toda a obra temos falas de diversas personagens, inclusive nas de Razyé, a reafirmarem como é ruim ser negro naquela sociedade, chegando as tais até mesmo a desejarem uma ascendência distinta das suas: “Ah, como eu gostaria de ser branco! Branco de olhos azuis! Branco com cabelos loiros! [...] Se eu fosse branco seria respeitado por todo mundo!” (CONDÉ, 2002, p. 34). Fanon, assim escreve sobre esse sentimento:

Comprendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Donde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. (FANON, 2008, p. 60)

Contudo, em todas as ações, principalmente nas de Razyé quando decide se vingar de todos, emerge uma resistência contra o opressor. Isso nos remete novamente a Silviano Santiago:

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos *mestiços*, cuja principal característica é que a noção de *unidade* sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar a descolonização. (SANTIAGO, 2000, p. 15)

Dáí podemos perceber a importância de Razyé, que em sua vingança contra Aymeric – este, um representante da elite branca que aos poucos vai sendo forçado a se despir de seu poder e dinheiro, entregando-o aos socialistas negros –, alcança um patamar financeiro elevado. Razyé seduz, foge e casa-se com Irmine, irmã de Aymeric, com intuito de atingi-lo. E ainda usá-la como moeda de troca para lapidar os bens de Justin, algo que é narrado pela própria em carta a Lucinda Lucius:

Estou agora num inferno ainda mais violento. Razyé me “ofereceu” a Justin e se aproveita da paixão indecorosa que aquele sente por mim para espoliá-lo de seus bens. L’Engoulvent já está hipotecada. Todas as noites Razyé joga baralho com Justin e o incentiva a beber rum, ou, ainda pior, absinto. Justin nem lembra mais do seu filho, o coitado do Justin-Marie. Eu fui entregue a um homem que detesto e desprezada pelo homem que, apesar de tudo, não paro de amar. (CONDÉ, 2002, p. 81)

Perante o emaranhado de relações apresentado em seu texto, observa-se que Condé narra à nação em que se inscreve e fala em seus termos para um tempo pós-colonial de grandes conflitos e sob influências diversas, na tentativa de o leitor compreender a natureza de uma violência atemporal.

O casamento de Cathy com Aymeric mostra-se como uma forma de ela deixar a herança negra que estava sobre ela e que a deixava longe da elite local, embora longe de alguma suposta promessa de felicidade já que amava Razyé. Cathy vai carregar para o resto de sua vida uma culpa e um sofrimento que irão levá-la à morte. Tudo isso está a serviço de apresentar mais uma vez como, na sociedade em que suas personagens estão inseridas, a aparência está acima de outros valores, mas não sem consequências, demonstrando o choque entre os da metrópole e os da então colônia.

Não muito diferente disso, têm-se os desdobramentos da personagem Razyé, negro, que desolado com a atitude de Cathy, fica um tempo fora e volta para sua vingança. Depois vem a ser revelado que ele esteve em Cuba, como mercenário, matando

camponeses e negros rebeldes para os espanhóis, numa mostra de colonizados lutando contra colonizados, numa espécie de troca de cadeiras entre oprimidos e opressores.

Em todo o caso, o tempo em que Razyé esteve em Cuba serve para que adquira instrumentos para sua vingança, aprende a língua e alguns hábitos do dominador, além de dinheiro, que é uns dos instrumentos que dá aos békés poder para oprimir aqueles que não o tinham. Ainda sobre o aspecto de ele aprender e apreender a língua do colonizador, numa tentativa de maior aproximação com o opressor, remetemos ao que Fanon escreve: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). Essa percepção também nos dá o narrador quando aponta comentários feitos por outros habitantes de La Pointe por ocasião da morte do próprio Razyé:

Afinal de contas, ele tinha bancado o empregadinho dos socialistas, o escravo, o negro. Quando eles o mandavam cortar, ele cortava. Picar, ele picava. Queimar, ele queimava, e isso era tudo. Quando ele os acompanhava aos comícios, sua boca não se abria mais do que a de um peixe. Nunca foi ouvido improvisando em verdadeiro francês um desses discursos como fazia Jean-Hilaire Endomius, que deixava os eleitores em transe. (CONDÉ, 2002, p. 263-264)

O “socialismo” aqui se apresenta como uma outra gramática a ser compreendida e utilizada para angariar possíveis vitórias por meio da política e, por que não(?), da sabotagem para retomar aquilo que achavam ser de direito deles, ele irá elevar cada vez mais a fortuna e a influência entre os colonizados em detrimento dos brancos. Contudo, mesmo a elevação financeira não consegue dar aos negros ali envolvidos uma condição de igualdade perante os brancos, uma vez que a sua cor é símbolo de sua inferioridade dentro daquela sociedade. Ao mimetizar valores tidos como universais, por mais humanistas que possam parecer, mas sem a devida ponderação das idiossincrasias locais, tal elemento nos cria um diálogo com o panorama escravagista brasileiro que se parece com algo como aquilo que afirma Roberto Schwarz em seu celebrado artigo: “As ideias fora do lugar”:

Vimos o Brasil, bastião da escravatura, envergonhado diante delas – as idéias mais adiantadas do planeta, ou quase, pois o socialismo já vinha à ordem do dia – e rancoroso, pois não serviam para nada. Mas eram adotadas também com orgulho, de forma ornamental, como prova de modernidade e distinção. E naturalmente foram revolucionárias quando pesaram no Abolicionismo. Submetidas à influência do lugar, sem perderem as pretensões de origem, gravitavam segundo uma regra nova, cujas graças, desgraças, ambigüidades e ilusões eram também singulares. (Schwarz, 2000, p. 26)

Verifica-se que, no livro *Corações Migrantes*, Maryse Condé consegue unir o período colonial e o período pós-colonial e o choque cultural remanescente no último, já que no romance há a presença de uma grande influência desses brancos que ainda dominam, mas há também a presença de uma forte atuação dos negros em todo texto, sobretudo como protagonistas, ainda que suas ações não sejam das mais virtuosas. Maryse Condé, a partir do lugar que ocupa na literatura decolonial, relê a colonização como parte de um processo transcultural e transnacional. Sua escrita descentrada desloca a pretensa homogeneidade das narrativas do colonialismo, dispersando-a em múltiplas estórias, que vão revelar que o processo colonizador, do Ocidente, sempre foi marcado pela presença simultânea de outras temporalidades. As narrativas decolonialistas procuram desconstruir a temporalidade progressista e vazia do colonialismo, instituindo uma nova experiência com esse passado.

Ao final podemos perceber que para todos há alguma consequência dessa ação que havia sido encarada com solução, mas que vai se mostrando razão para processos bastante ambíguos que estão longe de se encerrarem. Razyé não desfruta de sua riqueza, pois ele passa o resto de sua vida gastando seu tempo e seu dinheiro em busca de ações sobrenaturais que possam trazer a alma de sua amada próxima a ele, demonstrando assim que nada pagaria o peso social que havia impedido sua felicidade: “Me entrega ela prisioneira. Vou repetir: Ela não vai me deixar nunca. Quero-a comigo em cada instante que me sobrou para viver! Quero que não me largue um só minuto, com a vítima e seu assassino” (CONDÉ, 2002, p. 100).

O recurso metafísico, longe de demonstrar uma retomada às suas origens, vem cerceado pela frustração do resultado de sua busca por poder e vingança. Sua família, pouco diferente disso, também não desfruta, porque vivia numa casa sem conforto e com roupas velhas.

Irmine nunca saía de casa, sequer para ir à missa e ao confessionário, tanto assim, que ela não passava jamais pela igreja, situada a dois passos de lá. A razão estava em que ela não tinha uma roupa boa para vestir. Ela possuía unicamente um vestido acolchoado pelos remendos como se fosse o de uma ammareuse. [...] (CONDÉ, 2002, p. 130)

Simultâneo aos acontecimentos com Rayzé, Aymeric nunca teve a amor/alma de Cathy e acaba perdendo da mesma forma sua presença, pois ela não suporta a vida longe daquele que ama; ele também perde quase toda sua fortuna com as sabotagens daquele,

junto aos ditos negros socialistas. Ficando seus descendentes que prenunciam a continuidade de uma história de luta dentro desse processo que envolve o pós-colonial.

Ao que escreve o crítico martinicano Aimé Césaire:

Os exploradores brancos deram a nós os negros explorados, uma cultura, mas uma cultura branca; uma civilização, mas uma civilização branca; uma moral, mas uma moral branca; eles nos paralisam com malhas invisíveis para o caso hipotético em que nos libertáramos da mais sensível escravidão material que eles nos impuseram. E traçam sua trama, pacientemente, incansavelmente, por meio da diligente astúcia, até morrermos no conhecimento de nós mesmos. (CÉSAIRE, 2020, p. 17)

Demonstrando a complexidade presente nos aspectos exigidos pela decolonialidade, esta que não encerra a luta, mas a estende para ser travada ainda por longos anos. A saber, tendo sido a Martinica outra das demais colônias francesas no Caribe.

Considerações Finais

Verifica-se, diante do que foi exposto, a designação do romance *Corações Migrantes* como literatura decolonial que pretende realçar uma configuração literária que questiona e desafia não apenas os estereótipos tradicionais e de nossa contemporaneidade, mas também alguns dos princípios que se prendem aos conceitos de identidade, raça e história. Ademais, ao inscrevê-lo como integrante do conceito de “entre-lugar” de Silviano Santiago, este trabalho o potencializa como parte das reflexões sobre o papel de escritores e escritoras da América Latina, numa busca pela ampliação do reposicionamento crítico do passado. Nesse viés, textos como *Corações Migrantes* podem ser vistos como obras que se situam nesse espaço de tensão entre submissão e transgressão, entre assimilação e expressão, que caracteriza a antropofagia da literatura latino-americana.

Nesse sentido, a apropriação dos modelos herdados do colonizador não se configura como submissão, e sim como instrumento de resistência simbólica, permitindo uma releitura crítica da história e das relações estabelecidas entre colonizador e colonizado. Desse modo, *Corações Migrantes* ratifica a capacidade da literatura de revisitar modelos clássicos, ressignificando-os a partir de uma ótica decolonial e contribuindo para a revisão crítica do passado.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Trad.: Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril, 1971.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer; Ilust. Marcelo D'Salete. São Paulo: Veneta, 2020.
- CONDÉ, Maryse. *Corações migrantes*. Trad. De Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LEMO, Adriana Falqueto. Corações que migram da Inglaterra para o Caribe: o pós-colonialismo e a releitura em “Corações Migrantes” de Maryse Condé. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 05, n. 02, p. 124-135, 2013. Disponível em: <https://letras.jatai.ufg.br/p/6983-revlet-revista-virtual-de-letras>. Acesso em: 27 dez. 2025.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 27 dez. 2025.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).